

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

NOVEMBRO DE 1858

N^o 11

Polêmica Espírita

Várias vezes já nos perguntaram por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas, dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, por vezes, contra nós. Acreditamos que o silêncio, em certos casos, é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual tomamos por norma nos abstermos: é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente, o que seria muito pouco interessante para os nossos leitores, que assinam a revista para se instruírem, e não para ouvirem diatribes mais ou menos espirituosas. Ora, uma vez engajado nesse caminho, difícil seria dele sair, razão por que preferimos nele não entrar, com o que o Espiritismo só tem a ganhar em dignidade. Até agora só temos que aplaudir a nossa moderação, da qual não nos desviaremos, e jamais daremos satisfação aos amantes do escândalo.

Entretanto, há polêmica e polêmica; uma há, diante da qual jamais recuaremos: é a discussão séria dos princípios que professamos. Todavia, mesmo aqui há uma importante distinção a fazer; se se trata apenas de ataques gerais, dirigidos contra a Doutrina, sem um fim determinado, além do de criticar, e se partem de pessoas

que rejeitam de antemão tudo quanto não compreendem, não merecem maior atenção; o terreno ganho diariamente pelo Espiritismo é uma resposta suficientemente peremptória e que lhes deve provar que seus sarcasmos não têm produzido grande efeito; também notamos que os gracejos intermináveis de que até pouco tempo eram vítimas os partidários da doutrina pouco a pouco se extinguem. Perguntamos se há motivos para rir quando vemos as idéias novas adotadas por tantas pessoas eminentes; alguns não riem senão com desprezo e pela força do hábito, enquanto muitos outros absolutamente não riem mais e esperam.

Notemos ainda que, entre os críticos, há muitas pessoas que falam sem conhecimento de causa, sem se darem ao trabalho de aprofundar. Para lhes responder seria necessário recomençar incessantemente as mais elementares explicações e repetir aquilo que já escrevemos, providência que julgamos inútil. Já o mesmo não acontece com os que estudaram e nem tudo compreenderam, com os que querem seriamente esclarecer-se e com os que levantam objeções de boa-fé e com conhecimento de causa; nesse terreno aceitamos a controvérsia, sem nos gabarmos de resolver todas as dificuldades, o que seria muita presunção de nossa parte. A ciência espírita dá os seus primeiros passos e ainda não nos revelou todos os seus segredos, por maiores sejam as maravilhas que nos tenha desvendado. Qual a ciência que não tem ainda fatos misteriosos e inexplicados? Confessamos, pois, sem nos envergonharmos, nossa insuficiência sobre todos os pontos que ainda não nos é possível explicar. Assim, longe de repelir as objeções e os questionamentos, nós os solicitamos, contanto que não sejam ociosos, nem nos façam perder o tempo com futilidade, pois que representam um meio de nos esclarecermos.

É a isso que chamamos polêmica útil, e o será sempre quando ocorrer entre pessoas sérias que se respeitam bastante para não se afastarem das conveniências. Podemos pensar de modo diverso sem, por isso, deixar de nos estimarmos. Afinal de contas,

o que buscamos todos nessa tão palpitante e fecunda questão do Espiritismo? O nosso esclarecimento. Antes de mais, buscamos a luz, venha de onde vier; e, se externamos a nossa maneira de ver, trata-se apenas da nossa maneira de ver, e não de uma opinião pessoal que pretendamos impor aos outros; entregamo-la à discussão, estando prontos para a ela renunciar se demonstrarem que laboramos em erro. Essa polêmica nós a sustentamos todos os dias em nossa *Revista*, através das respostas ou das refutações coletivas que tivemos ocasião de apresentar, a propósito desse ou daquele artigo, e aqueles que nos honram com as suas cartas encontrarão sempre a resposta ao que nos perguntam, quando não a podemos dar individualmente por escrito, uma vez que nosso tempo material nem sempre o permite. Suas perguntas e objeções igualmente são objeto de estudos, de que nos servimos pessoalmente, sentindo-nos felizes por fazer com que nossos leitores os aproveitem, tratando-os à medida que as circunstâncias apresentam os fatos que possam ter relação com eles. Também sentimos prazer em dar explicações verbais às pessoas que nos honram com a sua visita e nas conferências assinaladas por recíproca benevolência, nas quais nos esclarecemos mutuamente.

Pluralidade das Existências Corpóreas⁶⁰ (PRIMEIRO ARTIGO)

Das diversas doutrinas professadas pelo Espiritismo, a mais controvertida, sem dúvida, é a da pluralidade das existências corporais, também chamada de reencarnação. Embora essa opinião seja agora partilhada por grande número de pessoas, e que por nós já tenha sido tratada em diversas ocasiões, acreditamos ser um dever nosso, em razão de sua extrema gravidade, examiná-la aqui de maneira mais aprofundada, a fim de responder às inúmeras objeções que ela tem suscitado. Antes de entrar a fundo na questão, algumas observações preliminares se nos parecem indispensáveis.

60 N. do T.: Vide *O Livro dos Espíritos*, Livro II, capítulo V.

Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antigüidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais. A idéia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja como for, o que não padece dúvida é que uma idéia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade dessa doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos Antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente.

Sem dúvida, dizem alguns contraditores, estáveis imbuídos dessas idéias, razão por que os Espíritos se apegaram à vossa maneira de ver. Eis aí um erro que prova, uma vez mais, o perigo dos julgamentos precipitados e sem exame. Se, antes de julgar, tivessem tais pessoas se dado ao trabalho de ler o que escrevemos sobre o Espiritismo, ter-se-iam poupado de levantarem objeções com tanta leviandade. Repetiremos, pois, o que a esse respeito já dissemos.

Quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, estava tão distante do nosso pensamento que, sobre os antecedentes da alma, havíamos construído um sistema completamente diferente, partilhado, aliás, por muitas pessoas. Sob esse aspecto, portanto, a Doutrina dos Espíritos nos surpreendeu profundamente; diremos mais: contrariou-nos, porquanto derrubou

as nossas próprias idéias. Como se pode ver, estava longe de refleti-las. Mas isso não é tudo: nós não cedemos ao primeiro choque; combatemos, defendemos nossa opinião, levantamos objeções e só nos rendemos à evidência quando percebemos a insuficiência de nosso sistema para resolver todas as dificuldades levantadas por essa questão.

Aos olhos de algumas pessoas o vocábulo *evidência* parecerá, sem dúvida, singular em semelhante matéria; não será, entretanto, impróprio aos que estão habituados a perscrutar os fenômenos espíritas. Para o observador atento há fatos que, embora não sejam de natureza absolutamente material, nem por isso deixam de constituir verdadeira evidência, pelo menos do ponto de vista moral. Não é aqui o lugar de explicar esses fatos; somente um estudo seguido e perseverante pode dá-los a compreender; nosso fim era somente refutar a idéia de que essa doutrina é a tradução do nosso pensamento. Temos, ainda, uma outra refutação a opor: é que não somente a nós ela foi ensinada; foi, também, ensinada em muitos outros lugares, na França e no estrangeiro: na Alemanha, na Holanda, na Rússia, etc., e isso antes mesmo da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Acrescentamos, ainda, que, desde que nos entregamos ao estudo do Espiritismo, obtivemos comunicações através de mais de cinqüenta médiuns escreventes, falantes, videntes, etc., mais ou menos esclarecidos, de inteligência normal mais ou menos limitada, alguns até mesmo completamente analfabetos e, em consequência, absolutamente estranhos às matérias filosóficas; não obstante, em nenhum caso os Espíritos se desmentiram sobre essa questão. Dá-se o mesmo em todos os círculos que conhecemos, onde tal princípio é confessado. Bem sabemos que esse argumento não é irretorquível, razão por que não insistiremos mais a não ser pelo raciocínio.

Examinemos de outro ponto de vista a matéria e, fazendo abstração de qualquer intervenção dos Espíritos, deixemo-los de lado, por enquanto. Suponhamos que esta teoria nada tenha

a ver com eles; suponhamos mesmo que jamais se haja cogitado de Espíritos. Coloquemo-nos, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para ambas as hipóteses, isto é, a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado a razão e o nosso próprio interesse nos farão pender.

Muitos repelem a idéia da reencarnação pelo só motivo de ela não lhes convir. Dizem que uma existência já lhes chega de sobra e que, portanto, não desejariam recomeçar outra semelhante. De alguns sabemos que saltam em fúria só com o pensarem que tenham de voltar à Terra. Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou seus gostos para regular o Universo. Uma de duas: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, nada importa que os contrarie; terão de sofrê-la, sem que para isso lhes peça Deus permissão. Assemelham-se, os que assim falam, a um doente que diz: Sofri hoje bastante, não quero sofrer mais amanhã. Qualquer que seja o seu mau humor, nem por isso terá de sofrer menos no dia seguinte, nem nos que se sucederem, até que se ache curado. Conseqüentemente, se os que de tal maneira se externam tiverem que viver de novo, corporalmente, tornarão a viver, reencarnarão. De nada lhes adiantará que se rebelem, quais crianças que não querem ir para o colégio, ou condenados, para a prisão. Passarão pelo que têm de passar. São demasiado pueris semelhantes objeções, para merecerem mais seriamente examinadas. Diremos, todavia, aos que as formulam que se tranquilizem, que a Doutrina Espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível como a julgam; que, se a tivessem estudo a fundo, não se mostrariam tão horrorizados; saberiam que deles dependem as condições da nova existência, que será feliz ou desgraçada, conforme ao que tiverem feito neste mundo; *que desde agora poderão elevar-se tão alto que nova queda no lodaçal não lhes seja mais de temer.*

Supomos dirigir-nos a pessoas que acreditam num futuro depois da morte e não aos que criam para si a perspectiva do nada,

ou pretendem que suas almas se vão afogar num todo universal, onde perdem a individualidade, como os pingos da chuva no oceano, o que vem a dar quase no mesmo. Ora, pois: se credes num futuro qualquer, por certo não admitis que ele seja idêntico para todos, porquanto, de outro lado, qual a utilidade do bem? Por que haveria o homem de constranger-se? Por que deixaria de satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, embora à custa de outrem, uma vez que por isso não ficaria sendo melhor, nem pior? Credes, ao contrário, que esse futuro será mais ou menos ditoso ou inditoso, conforme ao que houverdes feito durante a vida e então desejeis que seja tão afortunado quanto possível, visto que há de durar pela eternidade, não? Mas, porventura, teríeis a pretensão de ser dos homens mais perfeitos que hajam existido na Terra e, pois, com direito a alcançardes, de um salto, a suprema felicidade dos eleitos? Não. Admitis então que há homens de valor maior do que o vosso e com direito a um lugar melhor, sem daí resultar que vos conteis entre os réprobos. Pois bem! Colocai-vos mentalmente, por um instante, nessa situação intermédia, que será a vossa, como acabastes de reconhecer, e imaginai que alguém vos venha dizer: “Sofreis; não sois tão feliz quanto poderíeis ser, ao passo que diante de vós existem seres, que gozam de completa ventura. Quereis mudar na deles a vossa posição?” – “Certamente – responderéis – que devemos fazer?” – Quase nada: recomeçar o trabalho mal executado e executá-lo melhor.” – Hesitaríeis em aceitar, ainda que a poder de muitas existências de provações? Façamos outra comparação mais prosaica. Imaginemos um homem que, embora sem ter chegado à miséria extrema, sofre privações por escassez de recursos; se viessem dizer-lhe: “Aqui está uma riqueza imensa de que podes gozar; para isto só é necessário que trabalhes arduamente durante um minuto”, o que teria respondido? Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, não vacilaria em dizer: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso. Que importa isso, desde que me leve a acabar os meus dias na fartura?” Ora, que é a duração da vida corpórea, em confronto com a eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos visto algumas pessoas raciocinarem deste modo: Não é possível que Deus, soberanamente bom como é, imponha ao homem a obrigação de recomeçar uma série de misérias e tribulações. Acharão, porventura, essas pessoas que há mais bondade em condenar Deus o homem a sofrer perpetuamente, por motivo de alguns momentos de erro, do que em lhe facultar meios de reparar suas faltas? “Dois industriais contrataram dois operários, cada um dos quais podia aspirar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal o seu dia, ambos merecendo ser despedidos. Um dos industriais, não obstante as súplicas do seu, o mandou embora e o pobre operário, não tendo achado mais trabalho, acabou por morrer na miséria. O outro disse ao seu: “Perdeste um dia; deves-me por isso uma compensação. Executaste mal o teu trabalho. Ficaste a dever-me uma reparação. Consinto que o recomeces. Trata de executá-lo bem, que te conservarei ao meu serviço e poderás continuar aspirando à posição superior que te prometi.” Será preciso perguntemos qual dos industriais foi mais humano? Dar-se-á que Deus, que é a clemência mesma, seja mais inexorável do que um homem?

Há algo de pungente na idéia de que a nossa sorte fique para sempre decidida, por efeito de alguns anos de provações, mesmo que de nós não tenha dependido alcançarmos a perfeição, ao passo que eminentemente consoladora é a idéia oposta, que nos permite a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem preferirmos uma hipótese a outra, declaramos que, se aos homens fosse dado escolher, ninguém quereria o julgamento sem apelação. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, fora mister inventá-lo, para felicidade do gênero humano. Outro tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, conforme atrás ponderamos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos. Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos de outro ponto de vista o assunto, unicamente como estudo filosófico, sempre nos abstraindo do ensino dos Espíritos.

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é a única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Caso tivesse individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1. Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das idéias que a educação lhe fez adquirir?

2. Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças revelam em tenra idade, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3. Donde, em uns, as idéias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4. Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaze, contrastando com o meio em que nasceram?

5. Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos

nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidão? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, juguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que ele consagra igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes; são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e

não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém todos susceptíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?

Acabamos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1. Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2. O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3. O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4. Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5. Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se vêem isentos das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento *real* e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porque inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral. Seja como for, alegar-se-á que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Nossa intenção não é tratar deste assunto agora. Bastanos haver demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional. Mostraremos, mais tarde, que a religião se acha dela menos afastada do que se pensa e com isso não sofreria mais do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareciam desmentir os textos sagrados. O ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apóia-se sobre a imortalidade da alma, as penas e recompensas

futuras, o livre-arbítrio do homem e a moral do Cristo. Não é, portanto, anti-religioso.

Temos raciocinado, abstraindo-nos, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda quando fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos adotado igualmente e não havéramos hesitado um segundo mais em renunciar às idéias que esposávamos. Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma idéia falsa. Assim, também, a teríamos repellido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos parecera contrária à razão, como repelimos muitas outras, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo o que proceda dos homens. Resta-nos, pois, examinar a questão da pluralidade das existências do ponto de vista do ensino dos Espíritos, de que maneira devemos entendê-la e, por fim, responder às mais sérias objeções que se lhe possam opor. É o que faremos num próximo artigo.

Problemas Morais

SOBRE O SUICÍDIO⁶¹

Perguntas dirigidas a São Luís através do Sr. C..., médium falante e vidente, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, na sessão do dia 12 de outubro de 1858.

1. Por que o homem, que tem a firme intenção de se destruir, revoltar-se-ia à idéia de ser morto por um outro e se defenderia contra os ataques, no mesmo instante em que vai cumprir seu desígnio?

61 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

Resp. – Porque o homem tem sempre medo da morte; quando se suicida, está superexcitado, tem a cabeça transtornada e realiza esse ato sem coragem nem temor e, por assim dizer, sem ter a consciência do que faz, enquanto que, se pudesse escolher, não veríeis tantos suicidas. O instinto do homem o leva a defender a própria vida e, durante o tempo que medeia entre o instante em que seu semelhante se aproxima para o matar e aquele em que o ato é cometido, há sempre um movimento de repulsão instintiva da morte que o leva a repelir esse fantasma, que não é apavorante senão para o Espírito culpado. O homem que se suicida não experimenta esse sentimento, porque está cercado de Espíritos que o impelem, que o auxiliam em seus desejos e lhe fazem perder completamente a lembrança do que não seja ele mesmo, isto é, dos pais e daqueles que o amam, bem como de uma outra existência. Nesse momento o homem é todo egoísmo.

2. Aquele que, desgostoso da vida, embora não querendo suicidar-se, deseja que sua morte sirva para alguma coisa, é culpável de a buscar no campo de batalha ao defender seu país?

Resp. – Sempre. O homem deve seguir o impulso que lhe é dado; qualquer que seja a carreira que abrace, seja qual for a vida que leve, é sempre assistido por Espíritos que o conduzem e dirigem, mau grado seu. Ora, intentar contra seus conselhos é um crime, visto estarem ali para nos dirigir e, quando queremos atuar de moto próprio, para nos auxiliar. Entretanto, se o homem, arrastado por seu próprio Espírito, quer deixar esta vida, logo é abandonado, reconhecendo mais tarde sua falta, ao ver-se obrigado a recomeçar outra existência. Para elevar-se, deve o homem ser provado; conter suas atitudes, pôr um entrave em seu livre-arbítrio seria ir contra Deus, e as provas, nesse caso, tornar-se-iam inúteis, porque os Espíritos não cometeriam faltas. O Espírito foi criado simples e ignorante. Para chegar às esferas felizes é preciso, pois, que progrida, eleve-se em ciência e em sabedoria, não sendo senão na adversidade que adquire um coração elevado e melhor compreende a grandeza de Deus.

3. Um dos assistentes observou que parece ter havido uma contradição entre essas derradeiras palavras de São Luís e as precedentes, quando ele disse que o homem pode ser impelido ao suicídio por certos Espíritos que a isto o excitam. Neste caso, cederia a um impulso que lhe seria estranho.

Resp. – Não há contradição alguma. Quando disse que o homem impelido ao suicídio estava cercado de Espíritos que a isto o solicitavam, não me referia aos Espíritos bons, que fazem todos os esforços para o demover dessa idéia; isto deveria estar subentendido. Todos sabemos que possuímos um anjo guardião, ou, se quizerdes, um guia familiar. Ora, tem o homem o seu livre-arbítrio; se, apesar dos conselhos que lhe são dados, persevera nesta idéia criminosa, ele a realiza e, para isso, é auxiliado pelos Espíritos levianos e impuros que o cercam e que se sentem felizes, por ver que ao homem, ou Espírito encarnado, falta coragem para seguir os conselhos de seu bom guia e, muitas vezes, dos Espíritos de parentes mortos que o envolvem, sobretudo, em semelhantes circunstâncias.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

MEHEMET-ALI

(Segunda conversa)

1. Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo ao Espírito Mehmet-Ali que consinta em comunicar-se conosco.

Resp. – Sim; sei o motivo.

2. Prometestes vir até nós, a fim de instruir-nos; teríeis a bondade de nos ouvir e de nos responder?

Resp. – Não prometo, desde que não me comprometi.

3. Seja; em lugar de *prometestes*, coloquemos que nos fizestes esperar.

Resp. – Isto é, para satisfazer a vossa curiosidade; não importa! Prestar-me-ei um pouco a isso.

4. Pois que vivestes ao tempo dos faraós, poderíeis dizer-nos com que finalidade foram as pirâmides construídas?

Resp. – São sepulcros; sepulcros e templos: ali ocorriam grandes manifestações.

5. Tinham também um fim científico?

Resp. – Não; o interesse religioso absorvia tudo.

6. Seria preciso que os egípcios fossem, desde aquela época, muito adiantados nas artes mecânicas para realizarem trabalhos que exigiam forças tão consideráveis. Poderíeis dar-nos uma idéia dos meios que empregaram?

Resp. – Massas humanas gemeram sob o peso de pedras que atravessaram os séculos: o homem era a máquina.

7. Que classe de homens se ocupava desses grandes trabalhos?

Resp. – A que chamais de povo.

8. Estava o povo em estado de escravidão ou recebia um salário?

Resp. – À força.

9. Donde veio aos egípcios o gosto das coisas colossais, em vez do das coisas graciosas que distinguia os gregos, embora tivessem a mesma origem?

Resp. – O egípcio era tocado pela grandeza de Deus; a Ele procurava igualar-se, superando as próprias forças. Sempre o homem!

10. Considerando-se que éreis sacerdote àquela época, poderíeis dizer-nos alguma coisa acerca da religião dos antigos egípcios? Qual era a crença do povo em relação à Divindade?

Resp. – Corrompidos, acreditavam em seus sacerdotes; eram deuses para eles, a quem se curvavam.

11. Que pensavam da alma após a morte?

Resp. – Acreditavam no que lhes diziam os sacerdotes.

12. Sob o duplo ponto de vista de Deus e da alma, tinham os sacerdotes idéias mais sadias que o povo?

Resp. – Sim, tinham a luz nas mãos; ocultando-as dos outros, ainda assim a percebiam.

13. Os grandes do Estado partilhavam da crença do povo ou da dos sacerdotes?

Resp. – Estavam entre as duas.

14. Qual a origem do culto prestado aos animais?

Resp. – Queriam desviar de Deus o homem e mantê-lo sob seu domínio, dando-lhe como deuses seres inferiores.

15. Até certo ponto concebe-se o culto dos animais domésticos, mas não se compreende o dos animais imundos e prejudiciais, tais como as serpentes, crocodilos, etc.!

Resp. – O homem adora aquilo que teme. Era um jugo para o povo. Podiam os sacerdotes acreditar em deuses saídos de suas mãos?

16. Não seria um paradoxo adorarem o crocodilo e os répteis e, ao mesmo tempo, o icnêumon e o íbis, que os destruíam?

Resp. – Aberração do Espírito; o homem procura deuses por toda parte para se ocultar do que é.

17. Por que Osíris era representado com uma cabeça de gavião e Anúbis com a de um cão?

Resp. – O egípcio gostava de personificar sob a forma de emblemas claros: Anúbis era bom; o gavião que estraçalha representava o cruel Osíris.

18. Como conciliar o respeito dos egípcios pelos mortos, com o desprezo e o horror por aqueles que os enterravam e mumificavam?

Resp. – O cadáver era um instrumento de manifestações: segundo eles o Espírito retornava ao corpo que havia animado. Como um dos instrumentos de culto, o cadáver era sagrado e o desprezo perseguia aquele que ousava violar a santidade da morte.

19. A conservação dos corpos dava lugar a manifestações mais numerosas?

Resp. – Mais longas, isto é, o Espírito voltava por mais tempo, desde que o instrumento fosse dócil.

20. A conservação dos corpos visava também à salubridade, em razão das inundações do Nilo?

Resp. – Sim, para os do povo.

21. A iniciação nos mistérios fazia-se no Egito com práticas tão rigorosas quanto na Grécia?

Resp. – Mais rigorosas.

22. Com que fim eram impostas aos iniciados condições tão difíceis de preencher?

Resp. – Para não haver senão almas superiores; estas sabiam compreender e calar.

23. O ensino dado nos mistérios tinha por finalidade única a revelação das coisas extra-humanas, ou ali eram ensinados também os preceitos da moral e do amor ao próximo?

Resp. – Tudo isso era bem corrompido. O objetivo dos sacerdotes era dominar e não instruir.

O DOUTOR MUHR

Morto no Cairo, a 4 de junho de 1857 – Evocado a pedido do Sr. Jobard. Em vida, disse este, era um Espírito muito elevado; médico homeopata; verdadeiro apóstolo espírita; deve estar, no mínimo, em Júpiter.

1. Evocação.

Resp. – Estou aqui.

2. Teríeis a bondade de dizer-nos onde estais?

Resp. – Estou errante.

3. Foi a 4 de junho deste ano que morrestes?

Resp. – Do ano passado.

4. Lembrai-vos de vosso amigo, o Sr. Jobard?

Resp. – Sim; muitas vezes estou perto dele.

5. Quando eu lhe transmitir essa resposta ele terá prazer, porquanto sempre teve grande afeição por vós.

Resp. – Eu o sei; é um dos Espíritos que me são mais simpáticos.

6. Quando vivo, o que entendíeis por gnomos?

Resp. – Considerava-os como seres que podiam materializar-se e tomar formas fantásticas.

7. Acreditais nisso, ainda?

Resp. – Mais que nunca; agora tenho certeza; mas gnomo é uma palavra que parece ter muito de magia; prefiro dizer agora *Espírito*, em vez de gnomo.

Observação: Quando vivo, ele acreditava nos Espíritos e em suas manifestações; apenas os designava sob o nome de gnomos, ao passo que agora se serve da expressão mais genérica de *Espírito*.

8. Acreditais ainda que esses Espíritos, que em vida chamáveis de *gnomos*, podem assumir formas materiais fantásticas?

Resp. – Sim, mas sei que isso não acontece com freqüência; há pessoas que poderiam tornar-se loucas se vissem as aparências que tais Espíritos podem tomar.

9. Que aparências seriam essas?

Resp. – Animais e diabos.

10. Trata-se de aparência material, tangível, ou é semelhante à que percebemos nos sonhos e nas visões?

Resp. – Um pouco mais material que nos sonhos; as aparições que nos poderiam amedrontar não podem ser tangíveis; Deus não o permitiria.

11. A aparição do Espírito de Bergzabern, sob a forma de homem ou de animal, era dessa natureza?

Resp. – Sim, é desse gênero.

Observação – Não sabíamos se ele, quando vivo, acreditava que os Espíritos pudessem tomar uma forma tangível; mas é evidente que agora se refere à forma vaporosa e impalpável das aparições.

12. Acreditais que ireis para Júpiter quando reencarnardes?

Resp. – Irei a um mundo que se não iguala ainda a Júpiter.

13. É por vossa própria vontade que ireis para um mundo inferior a Júpiter, ou em razão de ainda não merecerdes habitar esse planeta?

Resp. – Prefiro acreditar que não o mereço e cumprir uma missão num mundo menos avançado. Sei que chegarei à perfeição, e é isso que me leva a ser modesto.

Observação – Essa resposta é uma prova da superioridade desse Espírito. Concorda com o que nos disse o padre Ambrósio: que é mais meritório pedir uma missão num mundo inferior do que querer avançar muito rapidamente num planeta superior.

14. Roga-nos o Sr. Jobard que vos indaguemos se estais satisfeito com o artigo necrológico que sobre vós ele escreveu.

Resp. – Escrevendo aquilo, deu-me Jobard uma nova prova de simpatia; agradeço bastante e desejo que o quadro, um tanto exagerado, que fez de minhas virtudes e talentos, possa servir de exemplo àqueles dentre vós que percorrem as sendas do progresso.

15. Considerando-se que em vida éreis homeopata, que pensais agora da Homeopatia?

Resp. – A Homeopatia é o começo das descobertas dos fluidos latentes. Far-se-ão muitas outras, igualmente preciosas, formando um todo harmonioso que conduzirá vosso globo à perfeição.

16. Que mérito atribuis ao vosso livro *Le Médecin du peuple*?

Resp. – É a pedra do operário que levei à obra.

Observação – A resposta desse Espírito sobre a Homeopatia vem corroborar a idéa dos *fluidos latentes*, já fornecida pelo Espírito do Sr. Badel, a propósito de sua imagem fotografada. Disso resultaria que há fluidos cujas propriedades nos são desconhecidas ou nos passam despercebidas, porque sua ação não é ostensiva; contudo, nem por isso deixa de ser menos real. A Humanidade se enriquece de conhecimentos novos à medida que as circunstâncias lhe fazem conhecer suas *propriedades*.

MADAME DE STAËL

Na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, do dia 28 de setembro de 1858, o Espírito Madame de Staël comunicou-se espontaneamente e sem ser chamado pela mão da senhorita E..., médium psicógrafo, ditando a página que se segue:

Viver é sofrer; sim, mas a esperança não acompanha o sofrimento? Não pôs Deus na mão dos infelizes maior dose de

esperança? Criança, o pesar e a decepção acompanham o nascimento; mas à sua frente marcha a esperança, que diz: Avançai; o objetivo é a felicidade; Deus é clemente.

Por que – perguntam os Espíritos fortes – por que vir ensinar-nos uma nova religião, quando o Cristo estabeleceu as bases de uma caridade tão grandiosa, de uma felicidade tão verdadeira? Não é nossa intenção modificar o que ensinou o grande reformador. Não; vimos apenas reafirmar nossa consciência, aumentar nossas esperanças. Quanto mais o homem se civiliza, mais deveria ter confiança e mais necessidade temos ainda de o sustentar. Não pretendemos mudar a face do Universo, viemos ajudar a torná-lo melhor; e se neste século não viéssemos em auxílio do homem, seria ele muito infeliz, pela falta de confiança e de esperança. Sim, homem sábio, que ledes nos outros, que procurais conhecer o que pouco vos importa e afastais aquilo que vos interessa, abri os olhos e não desespereis; não digais que o nada pode ser possível quando, em vosso coração, deveríeis sentir o contrário. Vinde tomar assento nesta mesa e esperai, porquanto nela sereis instruído quanto ao vosso futuro e sereis feliz. Aqui há pão para todos: desenvolvereis vosso Espírito, alimentareis vosso corpo, acalmareis vossos sofrimentos e florireis a vida, embelezando-a de esperança, a fim de a tornardes mais suportável.

Staël

Observação – O Espírito fazia alusão à mesa onde estavam os médiuns.

Questionai, e responderei às vossas perguntas.

1. Porque não prevíamos a vossa visita, não preparamos um assunto.

Resp. – Sei perfeitamente que as perguntas particulares não podem ser respondidas por mim; porém, quantas coisas de

caráter geral se podem perguntar, mesmo a uma mulher que teve um pouco de espírito e agora tem muito coração!

Nesse momento, uma senhora que assistia à sessão pareceu desfalecer; mas não passou de uma espécie de êxtase que, longe de ser penoso, foi-lhe muito agradável. Ofereceram-se para magnetizá-la; então, o Espírito Madame de Staël disse espontaneamente: Não; deixai-a em paz; é necessário que a influência exerça sua ação.” Depois, dirigindo-se àquela senhora: “Tende confiança, um coração vela junto de vós; deseja falar convosco; chegará o dia... não precipitemos as emoções.”

O Espírito que se comunicava por aquela senhora, e que era o de sua irmã, escreveu então espontaneamente: “Eu voltarei.”

Dirigindo-se novamente àquela senhora, Madame de Staël escreveu: “Uma palavra de consolação a um coração que sofre. Por que essas lágrimas de mulher para uma irmã? Essas incursões ao passado, quando todos os vossos pensamentos deveriam voltar-se para o futuro? Vosso coração sofre, vossa alma tem necessidade de expandir-se. Pois bem! Que essas lágrimas sejam de alívio, e não originadas pelos remorsos! Aquela que vos ama e por quem chorais é feliz e venturosa! Esperai reunir-vos a ela, um dia. Não a vedes; entretanto, para ela não existe separação, desde que está constantemente perto de vós.”

2. Poderíeis dizer-nos o que pensais atualmente de vossos escritos?

Resp. – Uma só palavra vos esclarecerá. Se voltasse e pudesse recomeçar, modificaria dois terços e conservaria apenas um.

3. Consentiríeis em revelar as coisas que desaprovais?

Resp. – Não é muita exigência, pois aquilo que não for justo outros escritores mudarão: fui masculina demais para uma mulher.

4. Qual era a causa primeira do caráter viril que demonstrastes quando vivias?

Resp. – Isso depende da fase de nossa existência.

Na sessão seguinte, do dia 12 de outubro, dirigiram-lhe as seguintes perguntas através do Sr. D..., médium psicógrafo.

5. Outro dia viestes a nós espontaneamente, através da senhorita E... Que motivo vos levou a favorecer-nos com a vossa presença, sem que a tivéssemos evocado?

Resp. – A simpatia que tenho por todos vós; é, ao mesmo tempo, o cumprimento de um dever que me é imposto em minha atual existência, ou melhor, em minha existência passageira, pois que sou chamada a reviver; aliás, é o destino de todos os Espíritos.

6. Preferis comparecer espontaneamente ou ser evocada?

Resp. – Prefiro ser evocada, pois é uma prova de que pensam em mim; mas sabeis, também, que é agradável a um Espírito liberto poder conversar com o Espírito do homem; eis por que não vos deveis admirar de me terdes visto chegar tão repentinamente até vós.

7. Haverá vantagem em evocar os Espíritos, em vez de esperar que venham quando quiserem?

Resp. – Ao evocá-los tendes em mira um objetivo; deixando que venham espontaneamente, correis o risco de obter comunicações imperfeitas sob muitos aspectos, porque os maus vêm tão bem quanto os bons.

8. Já vos comunicastes em outros círculos?

Resp. – Sim; mas têm-me feito comparecer mais do que eu gostaria; quer dizer, freqüentemente tomam meu nome.

9. Teríeis a bondade de retornar algumas vezes e ditar-nos alguns de vossos belos pensamentos? Teríamos prazer em reproduzi-los, com vistas à instrução geral.

Resp. – De boa vontade; venho com prazer junto àqueles que trabalham com seriedade para se instruírem. Minha vinda outro dia é uma prova disto.

Médium Pintor

(Extraído do *Spiritualiste* de Nova-Orléans)

Como nem todos os indivíduos podem ser convencidos pelo mesmo gênero de manifestações espíritas, houve necessidade de se desenvolver médiuns de vários tipos. Nos Estados Unidos existem os que fazem retratos de pessoas há muito falecidas, a quem jamais conheceram. Porque a semelhança é logo constatada, as pessoas sensatas que o testemunham não deixam de se convencer. O mais notável desses médiuns é, talvez, o Sr. Rogers, por nós já citado no Vol. I, à pag. 239 ⁶², e que então residia em Columbus, onde exercia a profissão de alfaiate; poderíamos acrescentar que não recebeu outra educação além da habitual à sua condição.

Sobretudo aos homens instruídos, que têm dito e repetido a propósito da teoria espiritualista, que “o recurso aos Espíritos é apenas uma hipótese, e que um exame atento pode provar não ser ela nem mais racional nem mais verossímil”, oferecemos a seguinte tradução, que resumimos de um artigo do Sr. Lafayette R. Gridley, de Attica, Indiana, escrito no dia 27 de julho passado para os editores do *Spiritual Age* e por estes publicado integralmente em sua folha de 14 de agosto.

Em maio último, o Sr. E. Rogers, de Cardington, Ohio, que, como sabeis, é médium pintor e faz retratos das pessoas que não mais se encontram neste mundo, acaba de passar alguns

62 N. do T.: O volume e a página citados não se referem à *Revista Espírita*.

dias em minha casa. Durante sua curta estada sofreu a *influência*⁶³ de um artista invisível, que se fazia passar por Benjamin West, pintando alguns belos quadros, em tamanho natural, assim como alguns outros, de qualidade menos satisfatória.

Eis algumas particularidades relativas a dois desses retratos. Foram pintados pelo dito Sr. E. Rogers, num quarto escuro, em minha casa, no curto intervalo de uma hora e trinta minutos, tempo esse do qual cerca de meia hora decorreu sem que o médium tivesse sido influenciado e que aproveitei para examinar seu trabalho, ainda não terminado. Rogers caiu novamente em transe e concluiu esses retratos. Então, e sem que qualquer indicação houvesse sido dada quanto às pessoas representadas, um dos retratos foi imediatamente reconhecido como sendo de meu avô, Elisha Gridley; minha esposa, minha irmã, a senhora Chaney e meus pais, todos foram unânimes em reconhecer a grande semelhança: é um *fac-símile* do velho, com todas as particularidades de sua cabeleira, da gola de sua camisa, etc. Quanto ao outro retrato, como ninguém o reconhecesse, pendurei-o no meu armazém, à vista dos transeuntes, ali permanecendo por uma semana sem ser reconhecido. Aguardávamos que alguém pudesse dizer-nos se representava um antigo habitante de Attica. Já perdia a esperança de saber a quem teria o artista querido pintar, quando uma noite, numa sessão espírita realizada em minha casa, manifestou-se um Espírito, dando-me a comunicação que se segue:

“Meu nome é Horace Gridley. Deixei meus despojos há mais de cinco anos. Morei muitos anos em Natchez, Mississípi, onde fui *sberiff*. Meu único filho ainda mora lá. Sou primo de vosso pai. Podereis obter outras informações a meu respeito por intermédio de vosso tio, o Sr. Gridley, de Brownsville, Tennessee. O retrato que

63 N. do T.: Grifo nosso. *Entransé*, no original francês. Literalmente, entrar em transe. Traduzimos por *influência*.

conservais em vosso armazém é meu, à época em que vivia na Terra, pouco antes de passar a esta outra existência, mais elevada, melhor e mais feliz. Ele se parece comigo, *pelo menos tanto quanto me foi possível retomar a fisionomia de então*, pois que isso é indispensável quando somos pintados; e o fazemos o melhor que podemos para dela nos recordarmos, conforme o permitam as condições do momento. O retrato em questão não foi concluído como eu gostaria; há algumas imperfeições leves, que o Sr. West diz provirem das condições sob as quais se achava o médium. Mesmo assim, enviai o retrato a Natchez, para que seja examinado. Creio que o reconhecerão.”

Os fatos mencionados nessa comunicação eram por mim completamente ignorados, assim como de todos os moradores de nossa região. Certa vez, há muitos anos, ouvira dizer que meu pai tinha um parente naqueles lados do vale do Mississípi, embora nenhum de nós soubesse o seu nome e o endereço em que vivia e, nem mesmo, se já havia morrido. Somente vários dias mais tarde fiquei sabendo, através de meu pai, que habitava em Delphi, a quarenta milhas daqui, qual havia sido o local de residência de seu primo, de quem não ouvira mais falar há quase sessenta anos. Não tínhamos pensado absolutamente em pedir retratos de família; simplesmente coloquei, diante do médium, uma nota escrita que continha uma vintena de nomes de antigos moradores de Attica, não mais pertencentes a este mundo, na expectativa de obter-se o retrato de algum deles. Julgo, pois, que todas as pessoas sensatas admitirão que nem o retrato, nem a comunicação de Horace Gridley resultaram de uma transmissão de nosso pensamento ao médium; aliás, o Sr. Rogers por certo jamais conheceu qualquer dos dois homens, cujos retratos pintou e, provavelmente, nunca ouvira falar de nenhum deles, pois que é inglês de nascimento, veio para a América há dez anos e jamais ganhou o Sul, além de Cincinnati, enquanto Horace Gridley, ao que eu saiba, nunca viajou ao Norte para além de Memphis, no Tennessee, nos

últimos trinta ou trinta e cinco anos de sua existência. Ignoro se algum dia visitou a Inglaterra; mas isso só poderia ter ocorrido antes do nascimento de Rogers, considerando-se que este não tem mais que vinte e oito a trinta anos. Quanto a meu avô, falecido há cerca de dezenove anos, nunca saiu dos Estados Unidos e, de qualquer forma, jamais mandara fazer seu retrato.

Desde que recebi a comunicação acima transcrita, escrevi ao Sr. Gridley, de Brownsville, vindo sua resposta corroborar o que havíamos sabido através da comunicação do Espírito. Além disso, obtive o nome da única filha de Horace Gridley, que é a senhora L. M. Patterson, ainda residindo em Natchez, onde seu pai morou durante muitos anos. Segundo meu tio, o Sr. Horace teria falecido há cerca de seis anos, em Houston, no Texas.

Então escrevi à Sra. Patterson, minha prima recém-descoberta, enviando-lhe uma cópia daguerreotipada do retrato que nos diziam ser de seu pai. Na carta a meu tio, de Brownsville, nada havia dito a respeito do objetivo principal de minhas pesquisas, como nada dissera à Sra. Patterson: nem por que lhe enviava o retrato, ou como o obtivera, nem que pessoa representava. Simplesmente perguntei à minha prima se nele reconhecia alguém. Respondeu-me que por certo não poderia dizer de quem era o retrato, embora me assegurasse que *era parecido com seu pai*, na época de sua morte. Escrevi-lhe logo depois para dizer que o tomáramos também pelo retrato de seu pai, mas sem dizer-lhe como o havíamos obtido. A réplica de minha prima dizia, em suma, que na cópia que lhe enviara todos haviam reconhecido seu pai, antes que eu lhe dissesse que era ele mesmo que estava ali retratado. Minha prima demonstrou muita surpresa de que eu tivesse um retrato de seu pai, quando ela própria não tinha nenhum, e que ele jamais havia dito que mandara fazer o próprio retrato, não importa por quem. Acreditava que não existisse nenhum e se mostrou bastante satisfeita com a minha remessa, principalmente

por causa dos filhos, que tinham grande veneração pela memória do avô.

Enviei-lhe, então, o retrato original, autorizando-a a ficar com ele, caso lhe agradasse, mas não lhe disse ainda como o havia obtido. As principais passagens de sua resposta são as seguintes:

“Recebi vossa carta, assim como o retrato de meu pai, que me permitis guardar caso se assemelhe bastante com ele. Com certeza é muito parecido e, como nunca tive outro retrato seu, vou conservá-lo comigo, já que o consentis. Aceito-o muito reconhecida, embora a mim pareça que meu pai fosse melhor que isso, quando gozava de boa saúde.”

Antes do recebimento das duas últimas cartas da Sra. Patterson, quis o acaso que o Sr. Hedges, outrora residindo em Natchez e hoje morando em Delphi, bem como o Sr. Ewing, recém-chegado de Vicksburg, no Mississípi, vissem o retrato em questão e o reconhecessem como sendo o de Horace Gridley, com quem ambos haviam travado relações.

Acreditando que esses fatos são muito significativos para permanecerem em silêncio, senti-me na obrigação de os comunicar, com vistas à sua publicidade. Ao escrever este artigo, garanto haver tomado todas as precauções quanto à sua perfeita correção.

Observação – Já conhecemos os médiuns desenhistas. Além dos notáveis desenhos, dos quais demos um exemplar, mas que retratam coisas cuja exatidão não podemos verificar, temos visto médiuns absolutamente estranhos a essa arte executar esboços muito reconhecíveis de pessoas mortas que jamais haviam conhecido. Mas daí a um retrato pintado dentro das regras vai grande distância. Esta faculdade liga-se a um fenômeno bastante curioso, do qual somos testemunhas neste momento e de que em breve nos ocuparemos.

Independência Sonambúlica

Muitas pessoas que hoje aceitam perfeitamente o magnetismo, contestaram durante muito tempo a lucidez sonambúlica; é que essa faculdade, com efeito, veio confundir todas as noções que tínhamos sobre a percepção das coisas do mundo exterior. Entretanto, de há muito tínhamos o exemplo dos sonâmbulos naturais, que gozavam de faculdades análogas e que, por um estranho contraste, jamais foram aprofundadas. Hoje, a clarividência sonambúlica é um fato e, se ainda é contestada por algumas pessoas, é porque as idéias novas demoram a fincar raízes, sobretudo quando é preciso renunciar àquelas longamente acalentadas. Muita gente também pensava, como ainda hoje com as manifestações espíritas, que o sonambulismo pudesse ser experimentado como uma máquina, sem levar em conta as condições especiais do fenômeno. Eis por que, não tendo obtido à vontade e no momento preciso resultados sempre satisfatórios, concluíram pela negativa. Fenômenos tão delicados exigem uma longa observação, assídua e perseverante, a fim de se lhes captar os matizes, freqüentemente fugidios. É igualmente em conseqüência de uma observação incompleta dos fatos que certas pessoas, embora admitindo a clarividência dos sonâmbulos, contestam sua independência; segundo elas, sua visão não se estende além do pensamento daquele que os interroga; alguns pretendem mesmo que não há visão, mas, simplesmente, intuição e transmissão de pensamento, citando em seu apoio numerosos exemplos. Ninguém duvida que o sonâmbulo, vendo o pensamento, algumas vezes possa traduzi-lo e dele ser o eco; nem mesmo contestamos que possa influenciá-lo em certos casos: houvesse somente isso no fenômeno, já não seria um fato bastante curioso e digno de observação? A questão, portanto, não é saber se o sonâmbulo é ou pode ser influenciado por um pensamento estranho, o que já não suscita dúvidas, mas se é sempre influenciado: isso é um resultado da experiência.

Se o sonâmbulo só diz o que sabeis, é incontestável que é o vosso pensamento que ele traduz; mas se, em certos casos, diz o que ignorais, contradiz vossa opinião e vossa maneira de ser, torna-se evidente a sua independência, não seguindo senão o seu próprio impulso. Um único fato bem caracterizado desse gênero bastaria para provar que a sujeição do sonâmbulo ao pensamento de outrem não é uma coisa absoluta; ora, há milhares deles. Entre os que são do nosso conhecimento pessoal, citaremos os dois que se seguem:

Residindo em Bercy, na Rua Charenton, 43, o Sr. Marillon havia desaparecido desde o dia 13 de janeiro último. Todas as pesquisas para descobrir seu paradeiro foram infrutíferas; nenhuma das pessoas na casa das quais estava habituado a ir o tinham visto; nenhum negócio podia motivar sua ausência prolongada. Por outro lado, seu caráter, sua posição e seu estado mental afastavam qualquer idéia de suicídio. Restava a possibilidade de que tivesse sido vítima de um crime ou de um acidente; nesta última hipótese, porém, teria sido facilmente reconhecido e levado para sua casa, ou pelo menos, despachado para o necrotério. Todas as probabilidades apontavam, pois, para um crime, nele se firmando o pensamento, tanto mais quanto o Sr. Marillon havia saído para fazer um pagamento. Mas onde e como o crime havia sido cometido? Ninguém o sabia. Sua filha recorreu, então, a uma sonâmbula, a Sra. Roger que em muitas outras situações semelhantes dera provas de notável lucidez, que nós mesmos constatamos. A Sra. Roger seguiu o Sr. Marillon desde a saída da casa dele, às três horas da tarde, até cerca de sete horas da noite, quando ele já se dispunha a voltar. Viu-o descer às margens do Sena para satisfazer a uma urgente necessidade, sendo aí acometido de um ataque de apoplexia. Ela descreveu tê-lo visto cair sobre uma pedra, abrir uma fenda na fronte e depois rolar dentro d'água; não se tratou, pois, nem de suicídio, nem de crime; ainda havia dinheiro e uma chave dentro do bolso de seu paletó. A sonâmbula indicou o local do acidente, acrescentando que o corpo não mais se encontrava no local, em

virtude de ter sido arrastado facilmente pela correnteza. Encontraram-no, com efeito, no local assinalado. Tinha a ferida indicada na frente, a chave e o dinheiro estavam no bolso e a posição de suas roupas indicava claramente que a sonâmbula não se havia enganado quanto ao motivo que o levara à beira do rio. Diante de tantos detalhes, perguntamos onde se poderia ver a transmissão de um pensamento qualquer. Eis um outro fato, onde a independência sonambúlica não é menos evidente.

O Sr. e a Sra. Belhomme, cultivadores em Rueil, à rua Saint-Denis, 19, tinham uma economia de aproximadamente 800 a 900 francos. Para maior segurança, a Sra. Belhomme colocou-os num armário, do qual uma parte era reservada a roupas velhas e outra a roupas novas; o dinheiro foi guardado no interior deste último compartimento; nesse momento entrou alguém e a Sra. Belhomme apressou-se em fechar o armário. Algum tempo mais tarde, necessitando do dinheiro, convenceu-se de havê-lo posto juntamente com a roupa velha, visto ter sido essa a sua intenção inicial, imaginando que tentaria menos os ladrões; mas em sua precipitação, com a chegada do visitante, ela o pusera do outro lado. De tal modo estava persuadida de o haver colocado com as roupas velhas que não lhe acudiu a idéia de procurá-lo alhures; encontrando o lugar vazio, e recordando-se da visita, julgou ter sido notada e roubada e, assim persuadida, suas suspeitas recaíram naturalmente sobre o visitante.

A Sra. Belhomme conhecia a Srta. Marillon, da qual falamos mais acima, e contou-lhe a sua desventura. Esta lhe dissera de que maneira seu pai havia sido encontrado, sugerindo que procurasse a mesma sonâmbula, antes de tomar qualquer outra providência. Então os Belhommés dirigiram-se à casa da Sra. Roger, bem certos de que haviam sido roubados e na esperança de que lhes fosse indicado o ladrão que, em sua opinião, só podia ser o visitante. Tal era, pois, seu pensamento exclusivo. Ora, depois de minuciosa descrição do local, a sonâmbula lhes disse: “Não fostes

roubados; vosso dinheiro está intacto no armário; apenas pensais tê-lo posto com a roupa velha, quando, na verdade, o pusestes com a roupa nova; retornai à vossa casa: lá o encontrareis.” Efetivamente, foi o que aconteceu.

Ao relatar esses dois fatos – e poderíamos citar vários outros, igualmente conclusivos – nosso objetivo foi provar que a clarividência sonambúlica nem sempre é o reflexo de um pensamento estranho; que o sonâmbulo também pode ter uma lucidez própria, absolutamente independente. Disso resultam conseqüências de alta gravidade, do ponto de vista psicológico; aqui temos a chave de mais de um problema, que examinaremos ulteriormente quando tratarmos das relações existentes entre o sonambulismo e o Espiritismo, relações que projetam uma luz inteiramente nova sobre a questão.

Uma Noite Esquecida ou a Feiticeira Manouza

Milésima segunda noite dos contos árabes

DITADO PELO ESPÍRITO FRÉDÉRIC SOULIÉ

PREFÁCIO DO EDITOR

No corrente ano de 1856, as experiências de manifestações espíritas que se realizavam na casa do Sr. B...⁶⁴, na rua Lamartine, atraíram uma seleta e numerosa assistência. Eram mais ou menos sérios os Espíritos que se manifestavam nesse círculo; alguns disseram coisas de admirável sabedoria e notável profundidade, como se pode julgar por *O Livro dos Espíritos*, que ali fora começado e em grande parte realizado. Outros eram

⁶⁴ **N. do T.:** Referência ao Sr. Baudin, cujas filhas adolescentes, Caroline e Julie Baudin, foram os primeiros médiuns que concorreram para o trabalho de Allan Kardec. Vide *Obras Póstumas* – 2ª Parte – *A minha iniciação no Espiritismo*.

menos sérios; seu humor jovial prestava-se de bom grado a pilhérias, mas daquelas que jamais se afastavam das conveniências. Neste número se achava Frédéric Soulié, que veio espontaneamente, sem haver sido convidado, e cujas visitas inesperadas eram sempre um passatempo agradável para os membros daquele círculo. Sua conversação era espirituosa, fina, mordaz, coerente e jamais desmentiu o autor das *Mémoires du diable*; aliás, nunca se deixou envolver pela lisonja; quando lhe dirigiam algumas perguntas um tanto mais espinhosas de filosofia, confessava francamente sua incapacidade para resolvê-las, dizendo que ainda se achava bastante ligado à matéria e que preferia as coisas alegres às sérias.

O médium que lhe servia de intérprete era a Srta. Caroline B..., uma das filhas do dono da casa, do gênero exclusivamente passivo e que não tinha a menor consciência do que escrevia, podendo rir e conversar como bem lhe aprouvesse, o que fazia com prazer, enquanto sua mão se movimentava sobre o papel. Durante muito tempo o meio mecânico empregado foi a *cesta de bico*.⁶⁵ Mais tarde a médium se serviu da psicografia direta.

Perguntarão, sem dúvida, que prova possuímos de que o Espírito comunicante era o de Frédéric Soulié e não um outro qualquer. Não nos cabe tratar aqui da questão da identidade dos Espíritos; diremos somente que a de Soulié se revelou por detalhes de tal forma numerosos que não podem escapar a uma observação atenta. Muitas vezes uma palavra, um gesto, um fato pessoal referido vinham confirmar que se tratava dele mesmo; por diversas vezes deixou sua assinatura, que foi confrontada com as originais. Um dia pediram-lhe que desse seu retrato e o médium, que não sabe desenhar, e que nem mesmo jamais o tinha visto, fez um esboço de uma semelhança extraordinária.

65 N. do T.: Esse processo, bastante primitivo, está descrito na 2ª Parte – capítulo XIII, item 154, de *O Livro dos Médiuns*.

Ninguém na reunião havia tido relações com ele quando vivia; por que, então, vinha sem ser chamado? É que se tinha ligado a um dos assistentes, sem jamais ter revelado o motivo; só aparecia quando essa pessoa se achava presente; entrava com ela e com ela ia embora, de sorte que, quando não estava presente, ela também não vinha e, coisa bizarra! quando Soulié estava lá era difícil, ou mesmo impossível, haver comunicações de outros Espíritos; o próprio Espírito familiar da casa cedia-lhe o lugar, dizendo, por delicadeza, que deveria fazer as honras *da casa*.

Um dia anunciou que nos daria um romance à sua maneira e, realmente, algum tempo depois começou uma narrativa cujo início era muito promissor. O assunto relacionava-se com os druidas e a cena se passava na Armórica, ao tempo da dominação romana; infelizmente, parece que se apavorou diante da tarefa que havia empreendido, porquanto – é preciso que se diga bem – o trabalho assíduo nunca foi o seu forte, confessando que encontrava mais satisfação na vida preguiçosa. Depois de haver ditado algumas páginas, abandonou o romance mas disse que escreveria outro, que lhe daria menos trabalho. Foi então que escreveu o conto cuja publicação iniciamos. Mais de trinta pessoas assistiram a essa produção e podem atestar-lhe a origem. Não a damos absolutamente como obra de elevado alcance filosófico, mas como curiosa amostra de um trabalho de grande fôlego obtido dos Espíritos. Notar-se-á como tudo nele tem seqüência, como tudo se encadeia com uma arte admirável. O que há de mais extraordinário é que esse relato foi retomado em cinco ou seis ocasiões diferentes e, muitas vezes, após interrupções de duas ou três semanas. Ora, a cada vez que recomeçava, o assunto continuava como se tivesse sido escrito de um sorvo, sem rasuras, sem aditamentos, e sem que houvesse necessidade de lembrar o que antes já fora relatado. Nós o damos, tal qual saiu do lápis do médium, sem nada haver mudado, nem no estilo, nem nas idéias e nem no encadeamento dos fatos. Algumas repetições de palavras e pequenos senões de ortografia foram percebidos, tendo o próprio

Soulié nos encarregado de os corrigir, dizendo que nos assistiria nesse mister. Quando tudo estava terminado ele quis rever o conjunto, ao qual fez apenas algumas retificações sem importância, autorizando a sua publicação como bem o entendêssemos e cedendo, com satisfação, os direitos autorais. Todavia, julgamos por bem não o inserir na *Revista* sem o consentimento formal de seu amigo póstumo, a quem pertencia de direito, porque foi graças à sua presença e à sua solicitação que nos tornamos devedores dessa produção de além-túmulo. O título foi dado pelo próprio Espírito Frédéric Soulié.

A. K.

Uma Noite Esquecida

I

Havia em Bagdá uma mulher do tempo de Aladim; é a sua história que vou narrar:

Num dos subúrbios de Bagdá, não longe do palácio da sultana Sheherazad, morava uma velha mulher chamada Manouza. Feiticeira das mais apavorantes, essa velha era motivo de terror em toda a cidade. À noite passavam-se em sua casa coisas tão assustadoras que, mal se punha o sol, ninguém se aventurava a passar por ali, a não ser algum homem apaixonado, à procura de um filtro para sua amante rebelde, ou uma mulher abandonada, em busca de um bálsamo para pôr na ferida que o amante, ao desampará-la, lhe havia provocado.

Certo dia em que o sultão estava mais triste que de costume e a cidade se achava em grande desolação porque queria mandar matar a sultana favorita e que, por seu exemplo, todos os homens eram infiéis, um jovem deixou a sua magnífica habitação,

situada ao lado do palácio da sultana. Esse jovem usava uma túnica e um turbante de cores sombrias; mas sob essas simples vestimentas havia um grande ar de distinção. Procurava ocultar-se ao longo das casas, como se fora um amante que temesse ser surpreendido. Dirigia-se para os lados da casa de Manouza, a feiticeira. Uma viva ansiedade estampava-se em seu rosto, denunciando a preocupação que o agitava. Atravessou as ruas e praças rapidamente, porém usando de grande precaução.

Chegando à porta, hesitou por alguns minutos, decidindo-se depois a bater. Durante um quarto de hora padeceu angústias mortais, porque ouvia ruídos que nenhum ouvido humano até então havia escutado; uma matilha de cães uivava com ferocidade, gritos lamentosos faziam-se ecoar e se percebiam gemidos de homens e mulheres, como sói acontecer no fim de uma orgia; e, para iluminar todo esse tumulto, luzes correndo de cima a baixo da casa, fogos fátuos de todas as cores. Depois, como que por encanto, tudo cessou: as luzes se apagaram e abriu-se a porta.

II

O visitante ficou confuso por alguns instantes, sem saber se devia entrar no corredor escuro que surgia à sua vista. Por fim, armando-se de coragem, penetrou audaciosamente. Depois de haver caminhado às cegas o espaço de trinta passos, encontrou-se diante de uma porta que abria para uma sala, iluminada apenas por uma lâmpada de cobre de três bicos, suspensa do centro do teto.

A casa que, conforme o barulho ouvido da rua, deveria ser muito habitada, tinha agora um ar deserto; a sala, imensa, e que por sua construção devia ser a base do edifício, estava vazia, se excetuarmos os animais empalhados de todo tipo que a guarneciam.

No meio dessa sala havia uma pequena mesa coberta de livros de magia e, à sua frente, numa grande poltrona, estava assentada uma velhinha de apenas dois côvados, e de tal maneira agasalhada com xales e turbantes que era impossível divisar seus traços. À aproximação do estranho ela levantou a cabeça e lhe mostrou o mais terrível rosto que se possa imaginar.

“Eis que estás aqui, Sr. Noureddin, disse ela, fixando os olhos de hiena no rapaz que entrava; aproxima-te! Faz vários dias que meu crocodilo de olhos de rubi anunciou-me tua visita. Dize se é de um filtro que precisas, ou de fortuna. Mas, que digo eu, fortuna! A tua não faz inveja ao próprio sultão? Não és o mais rico, assim como és o mais belo? Provavelmente é um filtro que vens procurar. Qual é, pois, a mulher que tem a ousadia de ser cruel contigo? Enfim, nada devo dizer; nada sei; estou pronta a ouvir-te as dificuldades e a te dar os remédios necessários, desde, naturalmente, que minha ciência tenha o poder de te ser útil. Mas por que me olhas assim e não avanças? Estarias com medo? Tal como me vês eu te amedronto, por acaso? Outrora fui bela; mais bela que todas as mulheres existentes em Bagdá; foram os desgostos que me tornaram tão feia assim. Mas que te importam os meus sofrimentos? Aproxima-te: eu te escuto; apenas não te posso conceder mais que dez minutos; apressa-te, portanto.”

Noureddin não estava muito tranqüilo; entretanto, porque não quisesse mostrar à velha a perturbação que o agitava, avançou e lhe disse: “Mulher, venho aqui por uma coisa grave; de tua resposta depende a sorte de minha vida; vais decidir da minha felicidade e da minha morte. Eis do que se trata:

“O sultão quer mandar matar Nazara; eu a amo; vou contar-te de onde vem esse amor e te pedir me tragas um remédio, não à minha dor, mas à sua infeliz situação, porquanto não desejo que ela morra. Sabes que meu palácio é vizinho ao do sultão; nossos jardins se tocam. Há cerca de seis semanas, passeando à noite em

meus jardins, ouvi uma música encantadora, acompanhada da mais deliciosa voz de mulher que jamais ouvira. Querendo saber de onde vinha, aproximei-me dos jardins vizinhos e percebi que se originava de um caramanchão de verdura, habitado pela sultana favorita. Fiquei vários dias absorvido por esses sons melodiosos; sonhava noite e dia com a bela desconhecida, cuja voz me havia seduzido, porque, é preciso que te diga, no meu pensamento só podia ser bela. Todas as noites eu passeava nas mesmas aléias onde tinha ouvido aquela maravilhosa harmonia. Durante cinco dias foi em vão; finalmente, no sexto dia a música fez-se ouvir novamente; não mais me podendo conter, aproximei-me do muro e vi que era preciso despende pouco esforço para o escalar.

“Após alguns momentos de hesitação, tomei uma grande decisão: passei do meu para o jardim vizinho; ali percebi não uma mulher, mas uma huri, a huri favorita de Maomé, uma maravilha, enfim! À minha vista ela se assustou um pouco mas, lançando-me a seus pés, supliquei que não tivesse nenhum receio e me ouvisse; disse-lhe que seu canto me havia atraído e garanti-lhe que em minhas atitudes não encontraria senão o mais profundo respeito; ela teve a bondade de me ouvir.

“Passamos a primeira noite a falar de música. Também cantei e ofereci-me para acompanhá-la; ela consentiu, e marcamos encontro para o dia seguinte, à mesma hora. Naquele momento estava mais tranqüila; o sultão estava em seu conselho e a vigilância era menor. As duas ou três primeiras noites se passaram inteiramente com música; mas a música é a voz dos amantes e, a partir da quarta noite, não éramos mais estranhos um a outro: nós nos amávamos. Como era bela! Como sua alma também o era! Planejamos a fuga diversas vezes. Ah! por que não a realizamos? Eu seria menos infeliz e ela não estaria prestes a sucumbir. Essa bela flor não estaria a ponto de ser colhida pela foice que vai arrebatá-la à luz.

(Continua no próximo número.)

Variedades

O GENERAL MARCEAU

A *Gazette de Cologne* publica a seguinte história, que lhe foi comunicada por seu correspondente de Coblantz e que é, atualmente, o assunto de todas as conversações. O fato foi relatado pela *Patrie* do dia 10 de outubro de 1858.

“Sabe-se que abaixo do forte do Imperador Francisco, perto da estrada de Colônia, encontra-se o monumento do general francês Marceau, que tombou em Altenkirchen e foi enterrado em Coblantz, no monte Saint-Pierre, onde se acha atualmente a parte principal do Forte. O monumento do general, que consiste numa pirâmide truncada, foi mais tarde removido quando se iniciaram as fortificações de Coblantz. Todavia, por ordem expressa do falecido rei Frederico III, foi reconstruído no local em que se encontra atualmente.

“O Sr. de Stramberg, que em seu *Reinischen antiquarius* dá uma biografia muito detalhada de Marceau, relata que duas pessoas julgaram ter visto o general à noite, por várias vezes, montado num cavalo e usando o manto branco dos caçadores franceses. Desde algum tempo já se dizia em Coblantz que Marceau abandonava o túmulo e muitas pessoas garantiam tê-lo visto. Há alguns dias um soldado, estando de sentinela no monte Saint-Pierre, em Petersburgo, viu surgir em sua direção um cavaleiro branco, montado num cavalo igualmente branco. Gritou: quem vem aí? Não tendo obtido resposta a três interpeleções, atirou no desconhecido, que caiu sem sentidos. Ao ouvir o estampido, uma patrulha acorreu ao local e encontrou a sentinela desmaiada. Levada ao hospital, onde ficou gravemente doente, pôde, entretanto, relatar o que vira. Outra versão garante que o soldado morreu em consequência da aventura. Eis a anedota, tal qual pode ser constatada por toda a cidade de Coblantz.”

Allan Kardec